

Roda de conversa sobre o vinte de novembro:

debatendo acerca do “dia da consciência negra” no ensino fundamental.

Por Taiane Anhanha Lima²⁹ e Gabrielle de Souza Oliveira³⁰

Resumo

O artigo a seguir relata a experiência de uma oficina de Ensino de História realizada na Escola Municipal Duque de Caxias, localizada em Santa Maria (RS), cujo tema foi: “O Vinte de Novembro, dia da Consciência Negra”. A mesma consistiu em uma roda de conversa com estudantes dos sétimos e oitavos anos da escola. Nesta procuramos historicizar a data em questão, apontando e reiterando a importância e a necessidade de discutir consciência e identidade negras no esforço de compreender esses debates na atualidade. Entre os assuntos tratados estiveram: (a) desigualdade racial no Brasil; (b) genocídio da juventude negra; (c) representação/estereotipização de atrizes/atores negras(os) na mídia; (d) embranquecimento/epistemicídio de personagens históricas e/ou intelectuais negras(os) na História; (e) casos de racismo ocorridos na UFSM.

Palavras-chave: Dia Nacional da Consciência Negra; Vinte de Novembro; Lei 10.639/03 no ensino fundamental.

Abstract

The following article reports the experience of a History Teaching workshop held at Duque de Caxias Municipal School, located in Santa Maria (RS), whose theme was: “The Twenty of November, Black Awareness Day”. It consisted in a conversation circle with seventh and eighth-grade students of the school. We sought to historicize the date in question, pointing out and reiterating the importance and the need to discuss black consciousness and identity with the effort to understand these debates nowadays. Among the addressed subjects were: (a) racial inequality in Brazil; (b) lack youth genocide; representation/stereotyping of black actresses/actors in the media; (d) whitening/epistemicide of historical characters and/or black intellectuals in history; (e) cases of racism occurred at UFSM.

Keywords: National Day of Black Consciousness; November 20th; 10.639/03 law in Elementary School.

29Taiane Anhanha Lima, Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. E-mail: taiane3@hotmail.com

30Gabrielle de Souza Oliveira, Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. E-mail: gabidesouza.o@hotmail.com

Apontamentos iniciais: a data comemorativa do vinte de novembro

O mês de novembro é considerado importante no calendário do Movimento Negro do país. Foi nesse mês, no dia 20 de 1695 que Zumbi dos Palmares, um dos grandes líderes de um dos maiores quilombos do Brasil no período colonial, Quilombo dos Palmares, teve seu fim, assassinado e com a cabeça exposta em Recife como demonstração de rebeldia. Com esse significado histórico o Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (MNUCDR), escolheu essa data para ser o “Dia Nacional da Consciência Negra” no ano de 1978 em homenagem ao próprio Zumbi dos Palmares, mas também às demais pessoas que construíram, habitaram, lutaram e foram resistência ao sistema escravista vigente no período. Essa data comemorativa é repleta de significados e almeja levantar debates e gerar reflexões sobre questões sociais, políticas, econômicas e culturais dos negros e negras no país.

É importante destacar que com relação a data escolhida há um certo debate sobre o seu início, pois o Grupo Palmares, composto somente por integrantes negros e negras, nascido em Porto Alegre/Rio Grande do Sul, reivindica, e com razão, ser o primeiro grupo a evocar o dia 20 de novembro como importante para a história do negro no Brasil, ainda no ano de 1971, sendo então, que apenas 7 anos depois ela passaria a ser referida como Dia Nacional da Consciência Negra pelo MNUCDR. Essa apropriação pela data de aniversário de morte de Zumbi também procurava fazer um contraponto ao 13 de maio de 1888, rememorado por alguns grupos e que, segundo Oliveira Silveira (um dos integrantes do Grupo Palmares),

[o treze] não satisfazia, não havia por que comemorá-lo. A abolição só havia abolido no papel; a lei não determinara medidas concretas, práticas, palpáveis em favor do negro. E sem o treze era preciso buscar outras datas, era preciso retomar a história do Brasil. (SILVEIRA, 2003, p. 24).

Além de todos esses componentes históricos sobre a gênese da data do dia 20 de novembro, é importante pontuar que ela é considerada feriado em alguns estados e cidades do Brasil, tendo como intuito, justamente, a garantia de um dia específico para que

atividades referentes a questões étnico-raciais e a negritude possam ser realizados e debatidos em diferentes espaços. Um desses espaços em que a reflexão dessa data deve se fazer presente é o âmbito escolar de ensino.

Por obrigatoriedade, garantida pela lei 10.639/2003, ocorreu a inclusão da História da África e da cultura afro-brasileira nos currículos de História nos Anos Finais do Ensino Fundamental e, posteriormente, a mesma a inclusão da lei 11.645/2008, a qual adicionou temáticas relativas ao estudo de Histórias e Culturas Indígenas, ambas alterando a lei 9.394/96 (LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional). O parágrafo 1º do artigo 26-A da lei 11.645/08 diz que:

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil (BRASIL, 2008).

O mês de novembro é específico para se dar mais atenção à temática, porém não é exclusivo, tendo as escolas o papel de descentralizar e levar as problemáticas referentes a cultura e história afro-brasileira para todo o calendário escolar e ano letivo. As formas dessa aplicabilidade podem ser as mais variadas possíveis e perpassam todas as áreas do conhecimento.

O GEPA (Grupo de Estudos sobre o pós-Abolição) ao qual compomos é um grupo de estudo, ensino, pesquisa e extensão criado no ano de 2016 na UFSM (Universidade Federal de Santa Maria) por estudantes da graduação e pós-graduação e tem como principal interesse as problemáticas que envolvem o contexto do pós-abolição, como: protagonismo negro, trajetórias negras e suas resistências. Nos preocupamos em não limitar nossas pesquisas apenas à academia, mas propor elas para além disso, chegando nas escolas de ensino público e privado.

Importante lembrar e ressaltar que negros e negras não sumiram da História depois da abolição da escravidão e não foram, simplesmente, substituídos por imigrantes europeus em seus trabalhos, mas diversas abordagens ainda aceitam essas visões simplistas e relegam ao esquecimento a vivência e resistência de negros e negras em escravidão e, sobretudo, fora do cativeiro, em liberdade. Em escravidão, por muito

tempo, a historiografia ficou presa a um viés em que os/as escravizados/as eram somente subjugados à exploração de seu trabalho por meio da violência, sem a existência de formas de resistência ao sistema. João José Reis e Eduardo Silva (1989) nos apresentam em “Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista” que houve muitas e variadas formas de resistência contra o jugo da escravidão, passando pela negociação aberta até a organização de fugas-rompimento.

O pós-Abolição, categoria conceitual importante que nos guia no planejamento da oficina que relatamos aqui, pode ser compreendido, para além de um contexto delimitado no tempo, mas uma realidade que se comporta enquanto um problema histórico, haja vista as formulações de Hebe Mattos e Ana Lugão Rios (2004). As autoras problematizaram as liberdades e os sentidos para os sujeitos que procuraram vivenciá-las, fazendo-se necessário, portanto, ir além de debates que trazem a liberdade como algo simples ou natural, como um bem dado, mas demonstrando as diversas formas de resistências e agências daqueles sujeitos, que construíram suas lutas pela liberdade de formas plurais e repletas de significados próprios. Dentro disso, o pós-Abolição, pensado como problema histórico, conformou um campo de estudos vasto, que procura, também, compreender como pessoas negras, em suas estratégias individuais, coletivas, familiares, organizativas, comunitárias, etc. fizeram valer suas visões e projetos dentro do que compreendiam enquanto liberdade, esta que, após conquistada (alforrias e Lei Áurea), deveria ser assegurada (pós-Abolição e cidadania).

Haja vista os elementos historiográficos citados acima sobre a escravidão e pós-Abolição, nosso relato de experiência busca conectá-los a uma forma prática de ensino de História e das relações étnico raciais. Além disso, objetivamos apontar e reiterar a importância e a necessidade de discutir consciência e identidade negras no esforço de compreensão dessas questões históricas extremamente atuais. A mesma ocorreu no mês de novembro de 2018 na Escola Municipal de Ensino Fundamental Duque de Caxias, localizada em Santa Maria (RS) e ministrada para alunos/as dos sétimos e oitavos anos da escola.

A roda de conversa na escola municipal Duque de Caxias em Santa Maria

A seguir apresentaremos os instrumentos que utilizamos como recursos metodológicos à implementação da ideia apresentada anteriormente. Como já citado, nosso objetivo com essa atividade era tratar de questões atuais, presentes no cotidiano das(os) estudantes enquanto questões sociais extremamente pertinentes, apontando a relação dessas com a importância de abordar e garantir o debate a respeito da temática da Consciência Negra no âmbito escolar.

a) Desigualdade racial no Brasil

Em um primeiro momento decidimos abordar a desigualdade racial no Brasil e apontar a necessidade de levantar essa questão quando trazemos em pauta as desigualdades sociais em nosso país. Para tanto nos utilizamos de um vídeo intitulado “2 minutos para entender: desigualdade racial no Brasil”, produzido e divulgado pelo Super Interessante³¹ para justificarmos o porquê de construirmos o debate tendo como ponto de partida a racialização. De acordo com a descrição do vídeo na plataforma youtube:

A cada 12 minutos um negro é assassinado no Brasil. Não para por aí: a cor da sua pele influencia na sua educação, saúde e renda. Segundo o IBGE, negro é aquele que se identifica como preto ou pardo. Entenda como estamos longe de sermos igualitários em um país onde o preconceito racial atinge mais da metade da população (2 minutos para entender, 2016).

O vídeo é bastante rico em trazer dados que são muito interessantes para abordar a temática, como por exemplo: analfabetismo, formação em nível superior, situação de extrema pobreza, etc. Nesse sentido, a questão principal que se coloca é a seguinte: se mais da metade da população brasileira é negra, por qual motivo os índices apresentados no vídeo não são distribuídos na mesma proporção?

A partir desta chegamos no ponto a partir do qual demos início à conversa: faz apenas 130 anos da abolição da escravidão (1888). Após o treze de maio

31 MARTINS, Thaís; GERMANO, Felipe. 2 minutos para entender – Desigualdade Racial no Brasil. 2016. (2m36s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ufbZkexu7E0&feature=emb_logo>. Acesso em: 09 nov. 2019.

homens e mulheres ex-escravizadas(os) foram largados a própria sorte. Não foi dado nenhum subsídio por parte do Estado brasileiro àquelas pessoas que até então não tinham direitos como educação e cidadania. Condições essas que continuaram durante algum tempo. Sendo assim, a situação retratada pelo vídeo não é uma mera coincidência, ela, na verdade, é fruto do processo histórico que envolve a escravidão e o pós-abolição, até os dias de hoje.

b) Genocídio da juventude negra

O primeiro eixo da discussão trouxe alguns elementos que nos permitiram pensar, juntamente às(aos) estudantes, outra temática extremamente sensível e urgente de ser debatida: o genocídio da juventude negra. Os dados dizem que a cada 12 minutos uma pessoa negra é assassinada em nosso país e destacam que são indivíduos negros os que mais morrem em operações policiais³².

Segundo o Atlas da Violência 2017, lançado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, mulheres, jovens e negros de baixa escolaridade são as principais vítimas de mortes violentas no país. A população negra corresponde a maioria (78,9%) dos 10% dos indivíduos com mais chances de serem vítimas de homicídios (LIMA, 2018)³³.

Embasadas nesse Atlas da Violência de 2017, apresentamos o infográfico às(aos) estudantes³⁴, assim como outra imagem³⁵, apresentada numa reportagem do jornal El País. A reportagem em questão conta um episódio em que um homem, jovem e negro, foi baleado por policiais da UPP (Unidade de Polícia Pacificadora) da favela Chapéu Mangueira, zona sul do Rio de Janeiro, onde morava³⁶.

c) Representação/estereotipização de atrizes/atores negros(os) na mídia

Neste tópico tratamos acerca dos papéis ficcionais legados à interpretação de atrizes e atores negros na mídia. Como alvo desse processo de

32 Ibid., 1m46s.

33 LIMA, Wesley. Brasil: um país marcado pelo genocídio da sua população negra, pobre e periférica, 2018. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/2018/05/18/brasil-um-pais-marcado-pelo-genocidio-da-sua-populacao-negra-pobre-e-periferica.html>>. Acesso em: 09 nov. 2019.

34 Imagem 1: http://farm1.staticflickr.com/971/27326168687_6d4ffea7a3_b.jpg

35 Imagem 2: <https://brasil.elpais.com/resizer/eC5Bnc60Fv4P1aT8frV3hPPI2bU=/768x0/smart/arc-anglerfish-eu-central-1-prodprisa.s3.amazonaws.com/public/WQJXBLX5RA2U3BUAGR2N6JT5U.jpg>

36 PM confunde guarda-chuva com fuzil e mata garçom no Rio, afirmam testemunhas. El País. Rio de Janeiro, 19 set. 2018. Acesso em: 10 nov. 2019.

estereotipização estão séries, filmes e novelas, portanto, nos utilizamos de algumas personagens da teledramaturgia brasileira da TV aberta para colocar em pauta essa questão. Entre algumas das representações estereotipadas que elencamos estiveram: a) o malandro; b) o bandido; e c) a empregada.

Em 2015 a atriz Solange Couto se somou à campanha “Senti na Pele”, trazendo à tona os estereótipos de classe social e o racismo imbuídos às personagens as quais ela deu vida ao longo de mais de 30 anos de carreira³⁷. Além dessa reportagem-denúncia, é possível acompanhar um pouco desses estereótipos da teledramaturgia brasileira aqui³⁸.

Em seu conhecidíssimo vídeo “O perigo de uma história única” Chimamanda Ngozi Adichie nos fala da importância de não considerarmos apenas uma versão ou possibilidade sobre pessoas ou lugares. Chimamanda está nos falando da importância de não conhecermos o outro apenas através de estereótipos e do potencial transformador dessa percepção:

Histórias importam. Muitas histórias importam. Histórias tem sido usadas para expropriar e tornar maligno. Mas histórias podem também ser usadas para capacitar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida. A escritora americana Alice Walker escreveu isso sobre seus parentes do sul que haviam se mudado para o norte. Ela os apresentou a um livro sobre a vida sulista que eles tinham deixado para trás. “Eles sentaram-se em volta, lendo o livro por si próprios, ouvindo-me ler o livro e um tipo de paraíso foi reconquistado”. Eu gostaria de finalizar com esse pensamento: Quando nós rejeitamos uma única história, quando percebemos que nunca há apenas uma história sobre nenhum lugar, nós reconquistamos um tipo de paraíso (O perigo da história única, 2009).

d) Embranquecimento/epistemicídio de personagens históricas e/ou intelectuais negras(os) na História

Outra faceta bastante evidente do racismo é o epistemicídio, que diz respeito à morte simbólica de intelectuais negras e negros na história da intelectualidade, devido ao não reconhecimento dos

37 Solange Couto, depois de interpretar 25 empregadas domésticas, denuncia racismo. Revista Forum. 2015. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/noticias/solange-couto-depois-de-interpretar-25-empregadas-domesticas-denuncia-racismo/amp/?__twitter_impression=true>. Acesso em: 10 nov. 2019.

38 Thread de hoje: estereótipos de negros em novelas, e pesquisas que mostram como é a situação de negros na tv nos últimos anos no brasil. Twitter. 2019. Disponível em: <<https://twitter.com/gadizaski/status/1191771627111034886>>. Acesso em: 11 nov. 2019.

mesmos enquanto tal.

o aparelho educacional tem se constituído, de forma quase absoluta, para os racialmente inferiorizados, como fonte de múltiplos processos de aniquilamento da capacidade cognitiva e da confiança intelectual. É fenômeno que ocorre pelo rebaixamento da auto-estima que o racismo e a discriminação provocam no cotidiano escolar; pela negação aos negros da condição de sujeitos de conhecimento, por meio da desvalorização, negação ou ocultamento das contribuições do Continente Africano e da diáspora africana ao patrimônio cultural da humanidade; pela imposição do embranquecimento cultural e pela produção do fracasso e evasão escolar. A esses processos denominamos epistemicídio (Carneiro, 2005)³⁹

Sendo assim, a fim de explicar na prática o epistemicídio, levamos o caso da representação do escritor Machado de Assis no comercial comemorativo de 150 anos da Caixa Econômica Federal, produzido e divulgado em setembro de 2011. A grande questão em torno do comercial se deu porque, na primeira versão do mesmo, o escritor foi representado como um homem indiscutivelmente branco. Foi somente após mobilização e reivindicação da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir) e do movimento negro organizado que o banco (re)criou, em outubro, o comercial, agora com um ator negro⁴⁰.

É sabido que Machado era um homem não branco que viveu e escreveu no final do século XIX. Considerado mulato por muitos, provavelmente em decorrência da carga negativa que havia em torno da definição de negro em um contexto no qual ainda vigia a escravidão e no imediato pós-abolição, Machado de Assis é reconhecido como uma das figuras mais importantes da intelectualidade brasileira, que sofreu, nesse episódio do comercial da Caixa Econômica Federal mas também em livros didáticos (para citar outro exemplo), um processo de embranquecimento de sua figura.

e) Casos de racismo ocorridos na UFSM

Por fim, na tentativa de mostrar uma justificativa palpável do porquê da necessidade de trabalhar a

39 CARNEIRO, Sueli. Epistemicídio. Geledés: Instituto da Mulher Negra, 4 set. 2014. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/epistemicidio/>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

40 Após críticas, Caixa troca ator em propaganda com Machado de Assis. G1. 11 out. 2019. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/negocios/noticia/2011/10/apos-criticas-caixa-troca-ator-em-propaganda-com-machado-de-assis.html>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

temática da Consciência Negra no âmbito da educação resolvemos exemplificar com as manifestações de racismo que vinham ocorrendo na Universidade Federal de Santa Maria, nossa instituição de origem. Aqui algumas das notícias sobre os casos dos quais falamos na roda de conversa⁴¹. Mediante acontecimentos como os apresentados nas notícias foi fundado, em 2017, o movimento “Racismo Basta”⁴² como o intuito de fazer frente e cobrar os devidos encaminhamentos às referidas situações criminosas.

Portanto, são exemplos como esses, ocorrendo ainda nos dias de hoje e próximos a nossa realidade, que demonstram o papel que cada um(a) de nós possui como sujeitos nesse processo de combate ao racismo. Assim como reiteram a importância de garantirmos o debate acerca da consciência negra no âmbito escolar, avançando com essas discussões para os conteúdos programáticos das disciplinas, e apenas a disciplina de História, como propõe a lei 10.639/03.

Essas foram as etapas desenvolvidas ao longo da roda de conversa. Nossa intenção foi, desde o princípio, apresentar esses elementos incentivando um ambiente de debate e conversa, no intuito de proporcionar uma horizontalidade construtiva. Podemos dizer que fomos bastante felizes em nosso objetivo. Contamos com participações significativas, inclusive com colocações até mesmo problemáticas e carregadas de estereótipos. Contudo, havíamos nos proposto ao diálogo e dialogar com colocações problemáticas, apontando as incongruências dos argumentos nos quais elas se embasam faz parte do processo educativo com o qual nos comprometemos.

Referências Bibliográficas

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Flores, 2017, 2 ed.

MATTOS, Hebe; RIOS, Ana M. Lugão. O pós-

41 Alunos negros denunciam à polícia ofensa racista na UFSM; G1. 11 out. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2018/10/11/alunos-negros-denunciam-a-policia-ofensa-racista-na-ufsm-me-senti-atacada-diz-estudante.ghtml>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

Polícia Federal investiga mais um caso de racismo na UFSM; GaúchaZH. 26 abr. 2019. <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2019/04/policia-federal-investiga-mais-um-caso-de-racismo-na-ufsm-cjuy6ahpo01c201p7bfc4624i.html>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

42 Racismo Basta. UFSM – Observatório dos Direitos Humanos. Disponível em: <<https://www.ufsm.br/pro-reitorias/pre/observatorio-de-direitos-humanos/racismo-basta/>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

Abolição como problema histórico: balanços e perspectivas. Revista Topoi, v. 5, nº 8, p. 170 - 198, 2004.

OLIVEIRA, Silveira. Vinte de Novembro: história e conteúdo. SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves (org.); SILVÉRIO, Valter Roberto (org.). Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica. Brasília: INEP/MEC, 2003, p. 21-42.

REIS, João José; SILVA, Eduardo. Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.